

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional

Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Futebol e pandemia:

O efeito da suspensão dos treinos e competições em atletas da categoria sub-20

Bruno Silva dos Santos

v.1

Bruno Silva dos Santos

Futebol e pandemia:

O efeito da suspensão dos treinos e competições em atletas da categoria sub-20

Trabalho de Conclusão de curso, orientado pela Prof.^a Dr.^a Airi Macias Sacco e apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora:

v.1

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S237f Santos, Bruno Silva dos

Futebol e pandemia : o efeito da suspensão dos treinos e competições em atletas da categoria sub-20 / Bruno Silva dos Santos ; Airi Macias Sacco, orientadora. — Pelotas, 2020.

16 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Pandemia. 3. Impacto. 4. Atletas. 5. Futebol. I. Sacco, Airi Macias, orient. II. Título.

CDD : 150

Agradecimentos

Primeiramente, à Professora Doutora Airi Macias Sacco, por proporcionar a realização de um pequeno sonho de graduação ao participar de projetos e ser introduzido ao campo da Psicologia do Esporte. Eu não poderia ter feito escolha melhor em termos de orientação. Além das infinitas qualificações técnicas enquanto docente, é a pessoa que mais soube tirar de mim o que de melhor tenho a oferecer.

À minha namorada, Camila Oliveira, pelas tantas horas em que esteve comigo pensando e discutindo sobre a elaboração do trabalho, desde a construção inicial do Projeto de Pesquisa. Além disso, foi minha fonte diária de motivação durante este tempo difícil de pandemia e incertezas.

Às colegas Tiffani Cardozo, Marta Varzim e Marcelene Duarte, pela parceria dentro e fora das supervisões. Até aqui, foram quase dois anos de trocas, ajudas, sugestões, motivações e conversas. Tenho sorte de fazer parte de um grupo tão companheiro e acolhedor. De alguma forma, em algum momento, cada uma das três foi de suma importância na construção deste trabalho.

À minha família, por todo o esforço em assegurar com que eu sempre pudesse estudar com tranquilidade e qualidade. Sou privilegiado por poder me dedicar exclusivamente ao curso de Psicologia e, durante a pandemia, ao término do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos membros da banca, por aceitarem o convite. Tenho certeza de que suas respectivas considerações serão valiosas para engrandecer e qualificar o trabalho.

E ao clube no qual a pesquisa foi realizada, pela abertura e confiança. Com um projeto inicial de pesquisa e intervenção, interrompido pela pandemia, pude acompanhar a rotina do clube em diversas oportunidades. Agradeço a todos pela chance de convívio e trabalho, pelo tratamento diferenciado e pelo suporte durante a realização da pesquisa. Em especial ao treinador da equipe, o qual manteve contato comigo desde a apresentação aos atletas; ao coordenador das categorias de base, pela acessibilidade e receptividade; ao preparador físico, pela contribuição nas reuniões junto ao nosso grupo; e a todos os atletas que participaram do estudo e tive contato durante os treinos. Sem eles, nada disso seria possível.

Resumo

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, sendo considerado um fenômeno social e econômico no Brasil. Muitos jovens almejam o ingresso na carreira futebolística, mas estima-se que apenas 1% dos que buscam o contrato profissional alcancem este objetivo. Os desafios enfrentados para profissionalização somam-se às consequências da pandemia de COVID-19, visto que o contexto de paralisação das atividades sem previsão de retorno, o isolamento social e o colapso econômico e de saúde do país têm potencial de causar sofrimento psíquico aos atletas. Posto isto, o objetivo deste estudo foi avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 e da suspensão das atividades presenciais em jogadores da categoria sub-20 masculina de um clube de futebol do sul do Brasil.. Este é um estudo quantitativo transversal, do qual participaram 25 atletas. O instrumento utilizado foi um questionário autoaplicável constituído por questões relativas a dados socioeconômicos, histórico no esporte e vínculo com o clube, e tópicos relacionados à pandemia. Os resultados indicaram uma diminuição significativa na percepção dos atletas quanto à possibilidade de profissionalização em virtude da pandemia. Os participantes com 19 e 20 anos, mais próximos ao limite de idade da categoria, são os que parecem estar sentindo os maiores impactos. A suspensão das atividades presenciais das categorias de base potencializou demandas e evidenciou sofrimentos que provavelmente já existiam, mostrando a necessidade de uma maior inserção da Psicologia desde os estágios de formação dos clubes brasileiros.

Palavras-chave: futebol; pandemia; impacto; atletas; psicologia.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Método.....	6
3. Resultados e Discussão.....	7
4. Considerações Finais.....	12
Referências Bibliográficas.....	14

1. Introdução

O futebol enquanto esporte moderno tem sua origem na Inglaterra no final do século XIX, fruto de transformações sociais e culturais impulsionadas pela Revolução Industrial. Com o passar dos anos, foi conquistando adeptos e notoriedade até consolidar-se como um dos esportes mais populares do mundo, sendo considerado um fenômeno social e econômico no Brasil (GASPARETTO, 2013; GIGLIO & RUBIO, 2013). Enraizado na cultura do povo brasileiro, o futebol é responsável por mobilizar multidões em estádios e transmissões de jogos, bem como fortunas em transações e salários (PAINA et al., 2018). A oportunidade de transformação social e o desejo pelo prestígio e reconhecimento associados aos jogadores de alto nível são os principais aspectos motivadores para a prática futebolística. Em geral, a idealização de um futuro profissional no esporte surge já na infância ou no mais tardar na adolescência (SALOMÃO, OTTONI & BARREIRA, 2014).

Impulsionado pela mídia através de práticas mercadológicas, o futebol impacta na vida social de jovens, ditando modas e o consumo de produtos, estabelecendo regras e códigos de valores sociais, além da produção de desejo pela carreira esportiva - consolidando o esporte como importante parte da identidade nacional (DA CONCEIÇÃO, 2015; CAVALCANTI & CAPRARO, 2016; MELO et al., 2016). Ao mesmo tempo em que aprendem a andar e falar, crianças ganham bolas, uniformes de clubes e são influenciadas pela família a dar os primeiros chutes, frequentar estádios e consumir o esporte através dos veículos de comunicação (CAVICHIOILLI, 2011). No âmbito escolar, por meio de conteúdos programáticos, recreação ou práticas extracurriculares, o futebol atua como potente ferramenta para a educação e desenvolvimento dos estudantes (KLEIN, 2014).

Para os que almejam a carreira futebolística e o ingresso em categorias de base, o acesso mais comum se dá através das chamadas “peneiras”, quando os clubes organizam treinos coletivos para observar os atletas inscritos. Entretanto, também é possível que olheiros recrutem atletas que se destacam em jogos escolares e campeonatos periféricos ao mercado, intermediando o ingresso nos clubes (MELO et al., 2016). Ainda que no imaginário social do povo brasileiro e

estrangeiro exista a ideia de que no Brasil toda criança “nasce sabendo jogar bola”, o processo de desenvolvimento de atletas é longo e árduo (CAVICHIOLO, 2011). Algumas pesquisas estimam que menos de 1% dos que almejam o contrato profissional no futebol conseguem alcançar esse objetivo (MELO et al., 2016). Além de estarem em um mercado com pouca chance de sucesso, os atletas de categorias de base encaram diversos desafios no investimento na carreira esportiva, tais como o enfrentamento de situações de pressão e estresse por conta do distanciamento familiar, da conciliação do esporte com os estudos, do produto do seu próprio rendimento no esporte e do desejo pelo contrato profissional (CLAUDINO, 2008).

Com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil, os desafios enfrentados pelos jogadores de base foram potencializados. Neste contexto, o isolamento social, o colapso na saúde e na economia do país e a incerteza pelo retorno das atividades têm potencial para provocar sofrimento psíquico nos atletas. Este sofrimento pode ser causado pela necessidade de mudança na rotina de treinos, prejudicando o desenvolvimento técnico e físico, e também pelo afastamento do círculo social que envolve o clube. Além disso, com a implementação da Lei nº 14.020/2020 (BRASIL, 2020), que abre precedente para que clubes reduzam salários e/ou demitam jogadores e demais funcionários das categorias de base sem multas por rescisão contratual, coloca-se em risco o futuro profissional dos atletas. Posto isso, o objetivo deste estudo é avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 e da suspensão das atividades presenciais em jogadores da categoria sub-20 masculina de um clube de futebol do sul do Brasil.

2. Método

Este é um estudo quantitativo transversal do qual participaram 25 atletas da categoria sub-20 masculina de um clube de futebol do sul do Brasil. Para a realização desta pesquisa foi elaborado um questionário autoaplicável constituído por 45 questões, 33 de múltipla escolha e 12 abertas. As perguntas foram divididas em três eixos: (a) avaliação socioeconômica, com destaque para aspectos relativos à moradia e renda; (b) histórico no esporte e tempo de vínculo com o clube atual; e (c) tópicos relacionados à pandemia, com ênfase na realidade dos atletas durante a suspensão das atividades presenciais e nos possíveis efeitos produzidos em suas carreiras.

A coleta de dados foi realizada de forma *online*, entre os dias 24 e 30 de agosto de 2020, através da plataforma *Google Forms*. Antes de responderem ao instrumento, os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foram apresentados os objetivos e possíveis riscos da participação na pesquisa. Também foi garantido o sigilo das respostas individuais e a possibilidade de interromper a participação em qualquer momento do estudo sem que houvesse qualquer prejuízo para o atleta ou para outras pessoas. Os participantes receberam a garantia de que não seriam identificados e de que a comissão técnica teria acesso apenas aos resultados agregados da equipe como um todo. Este estudo respeitou todos os critérios da Resolução nº 510, de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. O convite para a participação foi enviado para os 31 atletas que integravam a equipe no momento em que a pesquisa foi realizada, mas seis não responderam.

3. Resultados e discussão

Os participantes do estudo têm média de idade de 18,24 anos ($DP=1,01$). Com relação à cor/raça, 76% ($n=19$) dos atletas se autodeclararam brancos, 12% ($n=3$) pretos e 12% ($n=3$) pardos. Já quanto à renda mensal do núcleo familiar, 32% ($n=8$) disseram receber de um a três salários mínimos, 48% ($n=12$) de três a seis, 12% ($n=3$) de seis a nove, e 8% ($n=2$) mais do que nove salários.

Com relação à moradia, a maioria reside em imóvel próprio (92%, $n=23$) e situado na zona urbana (84%, $n=21$). Quando perguntados sobre a quantidade de pessoas com as quais dividem a moradia, 48% ($n=12$) disseram dividir com mais quatro pessoas, 28% ($n=7$) com mais três pessoas e 24% ($n=6$) com cinco ou mais pessoas. Do total de atletas, 64% ($n=16$) dispõem de uma área verde e/ou aberta em suas residências. Além disso, 92% ($n=23$) possuem acesso a uma conexão estável de internet, enquanto apenas 8% ($n=2$) não possuem.

No que diz respeito ao aspecto econômico, 80% ($n=20$) dos jogadores apontaram não estar realizando nenhum tipo de atividade remunerada, enquanto 16% ($n=4$) exercem algum tipo de atividade e um atleta tem contrato profissional com o clube. Entre os 20 atletas que não exercem atividade remunerada, apenas 15% ($n=3$) estão em busca de emprego. Do total da amostra, 16% ($n=4$) relataram que uma ou mais pessoas do núcleo familiar perderam o emprego durante a

pandemia. Em um contexto de crise econômica e aumento no índice de desemprego, somado às inseguranças e incertezas quanto ao retorno das competições de base, a necessidade de um complemento na renda do núcleo familiar pode fazer com que atletas priorizem a busca por uma atividade remunerada, colocando a projeção da carreira futebolística em segundo plano. Desta forma, é possível que essa necessidade contribua para um processo de desvinculação com o clube e o esporte, somado aos prejuízos pela falta de atividades presenciais e de convivência com os colegas.

Com a interrupção das atividades presenciais por tempo indeterminado e a inviabilização do contato com as práticas específicas do esporte e com os colegas de equipe, a manutenção do vínculo dos atletas com o futebol e o clube formador tornou-se imprescindível. Com este objetivo, o clube no qual a pesquisa foi realizada adaptou sua rotina de atividades e elaborou uma proposta de dinâmicas online, em conjunto com uma cartilha de exercícios. É importante salientar que este trabalho foi desenvolvido mesmo com a suspensão dos contratos de todos os profissionais que compõem a comissão técnica da categoria. As atividades remotas tiveram como foco a discussão de temáticas relacionadas ao futebol e às demandas da equipe. Foram utilizados questionários criados pela comissão técnica, além de conferências com integrantes da categoria profissional. A cartilha de exercícios, por sua vez, foi composta por uma série de treinamentos direcionados a auxiliar os atletas nos treinos em casa. Devido à impossibilidade de delimitação entre os compromissos domésticos e/ou remunerados e as práticas do clube, bem como a não garantia de que todos possuíam os recursos físicos e materiais necessários, foi acordado com os atletas que não haveria exigência de participação em nenhuma das práticas propostas.

Mais da metade dos atletas (60%, n=15) relatou não seguir a cartilha elaborada pelo clube. O principal motivo apresentado para não segui-la foi a busca por exercícios que vão além dos propostos (44%, n=11). Quanto à frequência, todos praticam atividade física regularmente: 68% (n=17) disseram praticar 5 ou mais vezes na semana, enquanto 32% (n=8) praticam de 3 a 4 vezes. Embora os resultados demonstrem uma frequência considerável na prática de atividades, é preciso levar em consideração que a atividade física sem supervisão provavelmente não tem o mesmo nível de cobrança e execução de um treinamento supervisionado

por profissionais do clube (CORSO, 2020). Sendo assim, a prática frequente não está diretamente relacionada a um grau alto de vínculo com o esporte e/ou o clube, já que pode ser realizada para outros fins, como a redução de sintomas de ansiedade, benefícios gerais para a saúde e estéticos. Por outro lado, isso pode demonstrar que alternativas e estratégias estão sendo criadas para driblar dificuldades como a falta de um espaço aberto em casa, a realização de tarefas domésticas ou a conciliação com um emprego.

Quando questionados sobre o que mais sentem falta na rotina do clube, as respostas dos participantes envolveram dois aspectos: o primeiro, relacionado à prática do esporte, no qual apareceram como resposta treinos (84%, n=21), jogos (44%, n=11) e competir (12%, n=3); o segundo, relacionado às interações sociais com os colegas de equipe, no qual emergiram respostas como amigos (56%, n=14), viajar (8%, n=2) e momentos de descontração (4%, n=1). Tais resultados demonstram que, embora o foco da angústia dos atletas seja a insegurança e incerteza em relação ao futuro profissional, o aspecto social proporcionado pelo convívio no clube também é um fator importante para o seu bem-estar.

No que diz respeito ao histórico no esporte, 36% (n=9) dos respondentes participam de categorias de base há nove anos ou mais, 48% (n=12) entre três e seis anos e 12% (n=4) até dois anos. Do total da amostra, 76% (n=19) dos atletas contaram já ter jogado em outros clubes, enquanto 24% (n=6) iniciaram a carreira no clube onde a pesquisa foi realizada. Além disso, 64% (n=16) possuem vínculo com o clube há no máximo dois anos e 36% (n=9) entre 2 e 4 anos. Ao considerarmos a idade dos atletas, é importante salientar que aproximadamente um terço dos participantes tem metade de sua vida dedicada ao esporte e às categorias de base. Trata-se de uma quantidade tempo relevante, sobretudo para jogadores na última etapa das fases de formação, que se encontram em um período crucial, de grande carga emocional.

A categoria sub-20 possui uma característica singular que coloca seus atletas em três âmbitos distintos, de acordo com as suas idades. O primeiro deles refere-se aos jogadores em processo de transição de categorias, com até 18 anos, que enfrentam uma possível perda de espaço e oportunidades em relação à categoria anterior (sub-17). Ainda que tenham sido selecionados pelo clube para subir de

categoria, estes atletas têm que se adaptar à nova equipe e comissão técnica, além da consequente mudança na metodologia de trabalho e de um maior nível de exigência em relação à fase anterior. O segundo âmbito corresponde aos jogadores já experientes e em processo de estabilização na equipe, com idades entre 18 e 19 anos. Com um ou dois anos de trabalho junto à comissão, esses atletas buscam a titularidade e o destaque na categoria, que pode resultar também em oportunidades junto ao grupo profissional. O terceiro diz respeito aos jogadores próximos de atingir o limite de idade para as competições, perto dos 20 anos de idade. Neste grupo, os atletas que ainda não conquistaram um contrato ou o acesso definitivo à categoria profissional sofrem com a pressão de conquistar uma performance de destaque e visibilidade no final da categoria. A probabilidade de profissionalização de atletas que atingem o limite de idade para competições da categoria sub-20 é praticamente nula. Ainda que todos façam parte de um mesmo grupo, o nível de cobrança, pressão e expectativas pode acabar variando para além dos aspectos subjetivos, de acordo com o contexto no qual estes atletas estão inseridos na categoria.

Ao abordar a temática da pandemia, 84% (n=21) dos atletas disseram concordar com a decisão de interromper as atividades, enquanto 16% (n=4) não concordam. Quando perguntados sobre a pressão para o retorno dos treinos e competições, 72% (n=18) disseram não sentir nenhum tipo de pressão, 20% (n=5) relataram que o sentimento é fruto de autocobrança, um atleta apontou que o sentimento parte da família e um atleta relatou sentir somente em momentos de crise. Além disso, 24% (n=6) dos atletas disseram ter considerado abandonar a carreira durante a pandemia. Ao cruzarmos as respostas destas questões com a idade dos atletas, notamos que três dos quatro que não disseram não concordar com a interrupção das atividades têm 19 anos. Entre os sete que relataram se sentir pressionados para o retorno de treinos e competições, cinco têm entre 19 e 20 anos. Por fim, cinco dos seis atletas que cogitaram abandonar o esporte durante a pandemia têm entre 19 e 20 anos. Estes dados demonstram a situação delicada na qual os atletas próximos do limite de idade da categoria se encontram, permeados pela insegurança de que o tempo perdido não possa ser recuperado.

Além do sentimento de pressão, os atletas também foram questionados sobre as emoções sentidas durante o período de isolamento social. Entre as mais citadas, destacaram-se esperança (68%, n=17), ansiedade (64%, n=16), dúvida (64%, n=16),

tédio (64%, n=16) e insegurança (60%, n=15). Em um contexto de crise financeira e sanitária, sentimentos como ansiedade e dúvida podem ser encarados como naturais e esperados. Cabe enfatizar que a maioria dos jogadores citou o sentimento de esperança, o que pode demonstrar uma possível capacidade dos atletas de ressignificarem as consequências trazidas pela pandemia. Entretanto, a suspensão das atividades presenciais pode prejudicar o desenvolvimento técnico e físico dos jogadores, além de potencializar o medo e a incerteza a respeito do futuro no esporte.

Em uma escala likert de cinco pontos, em que as respostas variaram de “muito baixa” a “muito alta”, os participantes indicaram como percebiam a probabilidade de se tornarem atletas profissionais antes e depois da pandemia. Enquanto a média foi de 3,92 pontos ($DP=0,86$) no período pré-pandêmico, após a pandemia esse índice baixou para 3,48 ($DP=0,92$). Um teste não paramétrico de Wilcoxon indicou que essa diferença foi significativa ($p=0,046$), o que indica que, na percepção dos próprios jogadores, a pausa das atividades provocada pela pandemia diminuiu suas chances de profissionalização.

Com relação às alterações nas respostas, 10 atletas perceberam uma diminuição na probabilidade de se tornarem jogadores profissionais. Dentre os 10, seis estão perto de atingir a idade limite para a categoria, o que evidencia a possibilidade de a idade avançada ser um fator determinante para a redução das expectativas. Apenas quatro participantes disseram acreditar que suas chances de se tornarem profissionais aumentaram com a pandemia. Dentre esses, três têm 18 anos e estão na etapa de estabilização na equipe. Esse resultado talvez indique que o momento de pressão e incerteza vivenciado pelos colegas que estão no limite da categoria pode significar abertura de espaço e oportunidades para os mais novos.

Quando perguntados sobre como a suspensão das atividades afeta o futuro profissional, 52% (n=13) disseram considerar que foi um ano de trabalho perdido e que adiará o sonho do contrato profissional e 16% (n=4) demonstraram preocupação em atingir a idade limite antes do retorno das atividades. Além disso, também foram relatadas: a possibilidade de tirar algo de bom desta situação (8%, n=2), preocupação com uma possível crise financeira do clube (8%, n=2) e com aspectos financeiros do núcleo familiar (4%, n=1), possíveis impactos na parte coletiva da

equipe (4%, n=1), e uma quebra de vínculo com a categoria profissional 4% (n=1). Um jogador relatou sentir que a suspensão afetará seu futuro, mas não especificou o motivo e apenas um atleta afirmou não acreditar que a suspensão terá impacto sobre sua carreira profissional.

Por fim, cabe destacar que a não participação de seis dos 31 atletas que integram a equipe configura-se como uma limitação do presente estudo. Por se tratar de uma amostra pequena, essa perda pode resultar em um viés amostral, pois é possível que aqueles que não responderam o questionário sejam os que mais estão sentindo os efeitos da pandemia no seu vínculo com o clube e com a carreira.

4. Considerações Finais

Atletas de categorias de base convivem com uma realidade de insegurança e incertezas, potencializada pela suspensão das atividades presenciais ocasionadas pela pandemia de COVID-19 no Brasil. Na categoria sub-20, a última do processo de formação, o sofrimento decorrente dos obstáculos naturais na busca pelo contrato profissional soma-se às restrições provocadas pela pandemia. Mesmo que haja adaptação e inovação na rotina de atividades, a manutenção do vínculo entre clube e atletas pode colidir com as dificuldades de um modelo de dinâmicas online e do treinamento físico sem supervisão, além de impactos potencialmente causados pela crise econômica e sanitária na vida dos atletas.

O sofrimento decorrente da preocupação com a indefinição do retorno das atividades e o prejuízo técnico e físico devido ao tempo de trabalho perdido são as principais consequências da pandemia na carreira dos jogadores. Tal indefinição afeta também os integrantes da comissão técnica que, além de terem sido afetados diretamente pela suspensão dos contratos de trabalho, esbarram na incerteza sobre o manejo do vínculo com os atletas. A irresolução por parte da federação estadual no que diz respeito ao limite de idade para o retorno das competições, e consequentemente do clube por não saber quais atletas poderão seguir na equipe, pode dar origem a um dilema ético visto que a continuidade das atividades desenvolvidas pela comissão técnica tem potencial para alimentar uma falsa esperança sobre quem poderá retornar. Por outro lado, a interrupção das dinâmicas pode acelerar o processo de desvinculação dos jovens com o esporte e com o clube formador.

Entre os mais afetados pelo período pandêmico estão os atletas com idades de 19 e 20 anos, que podem não ter tempo hábil para recuperar o progresso ou até mesmo perder o direito de competir quando as atividades retornarem. Nas questões cruciais para o objetivo do trabalho, os resultados demonstraram um maior impacto negativo sobre os atletas próximos ao limite de idade. No entanto, para os atletas mais novos, os impactos também são significativos, uma vez que o prejuízo não diz respeito somente aos aspectos de treinamento e vínculo, mas também a todas as etapas de desenvolvimento no contexto de formação no esporte.

O cancelamento das competições e a inviabilização das atividades presenciais intensificaram demandas e sofrimentos que provavelmente já existiam, evidenciando a carência de uma maior inserção da Psicologia nos processos de formação de atletas nos clubes de futebol brasileiros. Questões referentes a projeções e expectativas sobre o futuro profissional, além de demandas gerais dos processos de desenvolvimento dos atletas, não devem ser consideradas apenas em estados de exceção, como o da pandemia global vivida atualmente. É necessária a implementação de uma metodologia de trabalho que contemple estes aspectos ao longo de toda a formação de atletas.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Lei nº 14.020, de 6 de julho 2020. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda. Diário Oficial República Federativa do Brasil. Brasília, 2020.
- CLAUDINO, J.G.O.; COSTA, I.T.; TEIXEIRA, P.S.; RIBEIRO, R.S.; PUSSIELD, G.A. **Análise dos fatores de estresse e ansiedade pré-competitiva em jogadores de futebol de campo da categoria Sub-20.** Revista Brasileira de Futebol, v. 1, n. 1, p. 11-19, 2008.
- CAVICHIOILLI, F.R.; CHELUCHINHAK, A.B.; CAPRARO, A.M.; MARCHI JÚNIOR, W.; MEZZADRI, F.M. **O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 25, n. 4, p. 631-647, 2011.
- CAVALCANTI, E.A.; CAPRARO, A.M. **O mito do herói: uma análise a partir do discurso da Folha de S.Paulo acerca do caso Ronaldo na Copa do Brasil de 2009.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 30, n. 3, p. 611-618, 2016.
- CORSO, J. S.; WORNATH, F.; RODRIGUES, R. R. S.; DA SILVA, F. D. K. **Realidade de atletas de alto rendimento durante a epidemia de covid-19.** Salão do conhecimento Unijuí, v. 6, n. 6, 2020.
- DA CONCEIÇÃO, D.M. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2015.
- GASPARETTO, T.M. **O futebol como negócio: uma comparação financeira com outros segmentos.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 35, n. 4, p. 825-845, 2013.
- GIGLIO, S.S.; RUBIO, K. **Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 27, n. 3, p. 387-400, 2013.
- KLEIN, L.B. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2014.
- MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. **Construindo um atleta vencedor: uma abordagem psicofísica do esporte.** 1 ed., Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MELO, L.B.S.; ROCHA, H.P.A.; SILVA, A.L.C.; SOARES, A.J.G. **Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.

PAINA, D.M.; FECHIO, J.J.; PECCIN, M.S.; PADOVANI, R.C. **Avaliação da qualidade de vida, estresse, ansiedade e coping de jogadores de futebol de campo da categoria sub-20.** Contextos Clínicos, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2018.

SALOMAO, R. L.; OTTONI, G. P.; BARREIRA, C. R. A. **Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento.** Psico-USF, v. 19, n. 3, p. 443-455, 2014.